

Passarelas Azuis como comunicação holística da Vila da Barca

Montagem Teatral: Passarelas Azuis

Montagem: Curso de Iniciação Teatral da UNIPOP/2026

Luane Freitas Mendonça¹

A apresentação **Passarelas Azuis** é o resultado do Curso de 2026 de iniciação teatral da UNIPOP, com dramaturgia de Hudson Andrade, inspirada no enfrentamento e lutas contra o racismo ambiental, direito socioterritorial periférico.

Quando falamos de racismo ambiental nos remetemos à floresta. No entanto falar de racismo ambiental que acontece bem aqui no centro da cidade traz à tona várias pautas, como: O que é racismo ambiental? Será que não sofremos racismo ambiental?

A cidade de Belém é predominantemente periférica, porém o que vemos é a elite tomando conta dos subúrbios, tirando seu povo de forma amigável ou não do seu território para fazer um centro de luxo para suas minorias escassas. Logo se vê o racismo ambiental socioterritorial escancarado na problemática do remanejamento dos moradores da Vila da Barca. Sim, Atualmente o governo quer remanejar os moradores da Vila dando um auxílio para à compra de outra casa, o chamado “compra assistida”, porém o valor dado às famílias é irrisório para comprarem uma casa confortável no Telégrafo, que por vezes, suas famílias são grandes e não gostariam de sair do centro da cidade. A partir daí o dramaturgo e professor Hudson Andrade escreveu o texto da nossa peça, que foi dirigido por Bonely Pgnatario e Wanessa Grigolleteo.



O acontecimento do processo se deu por irmos até à Vila da Barca, no Curro Velho, prestigiar trabalhos culturais e que contribuíram para nossas aulas de teatro, para termos mais contato com o local. Também assistimos uma reunião sobre a situação atual dos moradores da Vila.

Esse é o tipo de arte que me chama atenção pela sua dramaticidade dada a uma situação de opressão ao povo, onde vemos que a Arte, o Teatro, não só tem o poder de entreter como causar uma inquietação para informar, questionar e criticar situações de opressão, dando voz e protagonismo ao povo. Ainda mais se tratando de um assunto tão

¹ Atriz, professora e bailarina; cursando Pedagogia na Universidade Paulista - UNIP, sou atriz, professora e bailarina.

delicado que muitos desconhecem. Portanto, essa peça foi um grande canal de comunicação para as pessoas.

Passarelas Azuis fala mais que racismo ambiental, dá voz à um povo esquecido pelo resto da cidade, fala de união e da vida de cada um dos seus moradores, por pautar as dificuldades sociais que os afligem e como a pressão para saírem de suas casas deixa tudo pior.

Falar de racismo ambiental, além de ser um tema atual, e que por se tratar de algo que acontece aqui no nosso território, foi de extrema sensibilidade, pois trazer este tema à tona, que poucos conhecem a realidade dos moradores da Vila é no mínimo construtivo. Falar de temas sociais e políticos é sempre muito desafiador e exige muita coragem, e eu fico feliz de ter feito parte de tudo isso.

Ao longo do curso e da peça tive muitos aprendizados pessoais e uma grande evolução como atriz, fiz amigos que jamais esquecerei e me diverti muito.

Para a construção da peça fizemos experimentações com o texto. Acredito que durante essas aulas os diretores estavam avaliando para ver quem ficaria com cada papel.

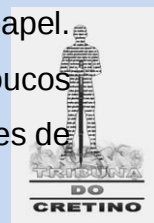
Confesso que achei pouco tempo para toda a demanda, pois fizemos poucos exercícios de farsa e muitos deles já foram com o texto. Mas entendo que por questões de logística não teria como o curso ser mais longo.

Para mim decorar texto é sempre um desafio, pois não é meu forte. Quando eu soube que teria uma coreografia na peça, desde o começo eu pedi para fazer parte do ballet. Foi instintivo e muito rápido, depois fiquei me questionando se foi a melhor decisão pois a dança é algo que faz parte do meu trabalho e queria experimentar coisas novas, me desafiar e aprender. Mas fiquei feliz com o resultado.

A peça se passava em Humaitá onde o prefeito, pressionado por uma empreiteira, queria fazer do bairro um condomínio e estava pressionando os moradores a saírem de lá e até mesmo começou a obra sem a mudança e autorização de todos os moradores e isso estava causando vários transtornos para a comunidade. As cenas foram construídas entre moradores em conflito com as pessoas que estavam a favor da construção, como o funcionário e a célula do pastor Gabriel.

Eu fui uma das servas do pastor que estava ensaiando para o culto quando a Inaiê chega para resgatar seu filho de uma confusão com o pastor.

Fazer a serva traz uma visão holística sobre a peça pela sua multiplicidade em falar de vários assuntos, mostrou a faceta das igrejas por trás, para conseguir votos, dinheiro e interesses pessoais. Ao final da peça o pastor Gabriel tinha um abaixo assinado, assim



como acontece por aí, a maior parte do povo estava com ele, como dizia Nelson Rodrigues: “Os idiotas vão dominar o mundo; não pela capacidade, mas pela quantidade”. Fico feliz em esbrachar esse tipo de hipocrisia, essa peça fez justiça em meu ser.

E no final das contas tudo terminou como sempre, sem muitas mudanças e os moradores seguindo suas vidas como podem, não é atoa que Oscar Wilde disse que “a arte imita à vida”, pois a muito tempo os moradores da Vila da Barca vem sofrendo racismo ambiental e pouca coisa muda. Se não fosse por sua resistência, viveriam pior. Acontece que não queremos viver de qualquer jeito, queremos dignidade, saúde, educação e respeito.

Agosto de 2026

